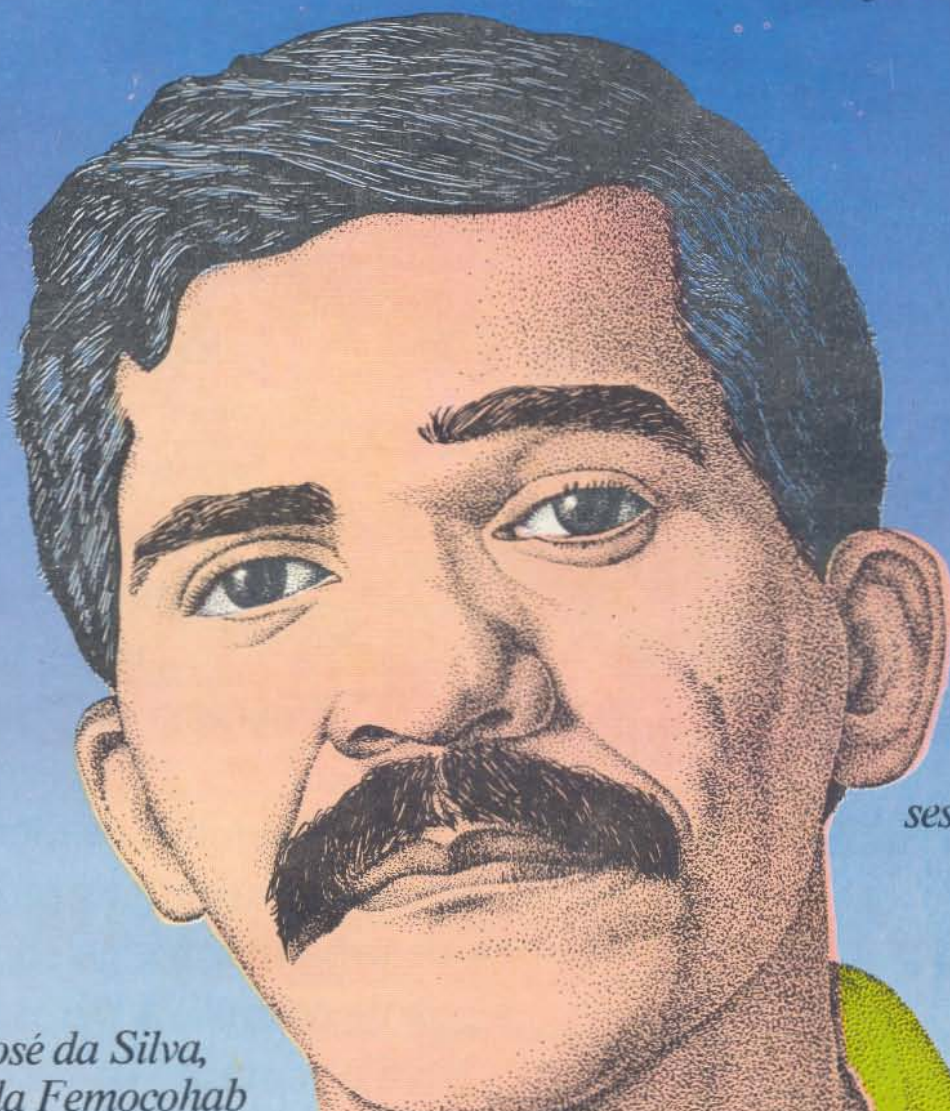


AGRESTE

O fim do vestibular?



*Pesqueira
comemora
sesquicentenário*

*Edinázio José da Silva,
presidente da Femocohab*

"Jarbas discrimina comunidades"

*Casa onde nasceu
Oliveira Lima é restaurada*

Espaço do leitor

Em carta a esta revista, em janeiro deste ano, dizia eu que as bases partidárias não são ouvidas pela cúpula que decide tudo nas caladas da noite. *Tai a comprovação disso. O virtual candidato do PMDB ao Governo do Estado, sr. Miguel Arraes, tem feito conchavos com a direita malufista sem consultar as bases, abrindo espaço para que o deputado Antonio Farias, do PMB, dispute uma vaga no Senado em coligação com o PMDB. Há mais: o prefeito do Recife, sr. Jarbas Vasconcelos, impôs recentemente à bancada do seu partido na Câmara, o novo líder. Vejam só, o pobre não pode disputar uma vaga senatorial porque exigem dele muito dinheiro. Que regime democrático estamos construindo, hem!?*

Isnar Borbes - Abreu e Lima



Sr. redator:

Quero lhe agradecer pela publicação de minha carta sobre a nossa querida irmã Júlia, no número 7 de AGRESTE. Por causa dela, fui alvo de muitos elogios, e a revista teve sua edição esgotada aqui na cidade. Isso para mim foi motivo de muito orgulho, porque vi o nosso município ser divulgado numa revista conceituada, como é a sua. Espero contar sempre com vocês aí nas publicações dos meus escritos sobre a terra das romãs, lugar onde

está encravada a pitoresca Serra Negra, onde o vento é mais livre, soprando às folhas dos cafezais, dos cajueiros e das folhas das bananeiras. Serra Negra, na minha opinião, deveria ser a sede do turismo bezerrense, sobretudo pelo seu clima agradável. É, sem dúvida, um dos melhores recantos de Bezerros.

Manoel Leite - Bezerros
Da Divulgadora e anúncios Ipojuca

Caro Manoel

NR - Imbuídos no propósito de valorizar nossa cultura e as nossas tradições, jamais poderíamos deixar de publicar colaborações como esta. Conte sempre conosco.

Ao leitor

AGRESTE *tai*. Ano 3. Novas seções e um novo estilo de jornalismo: moderno, criativo e sobretudo responsável e apertado. A interiorização da informação tem sido a nossa marca registrada, nenhuma outra revista local traz um elenco de notícias do Interior tão diverso como a nossa.

Basta dar uma olhada nas páginas que se seguem. Mais de 75% das reportagens abordam questões regionais. Por outro lado, a nova seção Panorama abre um espaço para o debate das mais diversas tendências do movimento político e cultural do nosso Estado.

Expediente

AGRESTE - Publicação da PA Propaganda

Diretor - Paulo Bezerra Alves
Jornalista-responsável - Lêda Rivas

Conselho de colaboradores

Jesus Ivandro Campos • Pinto Ferreira •
Nelson Barbalho • Marcos Costa Lima •
Potiguar Matos • Marcos Albuquerque •
Lucivânio Jatobá • Sérgio Alves •

Pesquisa documentação

Rubens Conde Betânia Castro

Arte e Diagramação

Nilton Jr.

Capa

José Lima

Assessoria Jurídica

Lucas Cardoso

AGRESTE

Redação, administração e publicidade -
Rua do Riachuelo, 325 - Edf. Ébano -
120. andar - Salas 1208/1210 - Boa
Vista - Fone: 231.5113. Recife-PE.
Circulação: Estado de Pernambuco -
Tiragem desta edição: 10.000 exemplares.

ÍNDICE

Entrevista: Edinázio da Silva	03
AGRESTE Registra	06
Falou ou Disse	08
Eduardo Sílvia quer conquistar mandato de deputado	11
Memória: Casa onde nasceu Oliveira Lima é restaurada	12
Jarbas tem salário abaixo de um vereador	13
Itapissuma comemora aniversário com muita festa	14
Prefeito diz como deve ser Governo de Arraes	17
Mudanças na Codeam	18
Pesqueira comemora sesquicentenário	19
Prefeito vê candidatura de Arraes sem mensagem	21
Educação: O fim do vestibular?	22
Placa indicativa de pontos turísticos é afixada em Bezerros	23
Panorama:	
Reforma Agrária, capitalismo e comunismo	24
Presidencialismo e parlamentarismo	25
Mandioca e agricultura pré-história	27
A propósito da reforma	28
Projeto Mandacaru - uma experiência que deu certo	29
Cultura de elite versus cultura popular	30
O jornalismo e a exigência do diploma	31
Prefeito ressalta qualidades de José Múcio	32
Governo de Arraes não vai trazer o céu para a terra	33
Prefeito de Belo Jardim não descarta a possibilidade de voltar para o PFL	34
História: Monografias municipais	35
Enfim, uma empresa que presta tudo	36
Marketing Político	37
Posicionamento: Lance de mestre	38

timento americano da Convenção da Filadelfia até hoje! A realidade é exatamente o oposto da ficção ideada pelos patriarcas”.

“O sufrágio indireto oscila entre a inutilidade e a corrupção; entre a excrecência e a tranqüibêrnia; entre o mandato imperativo e a traição”.

O eminente baiano assegurou ainda a sua preferência por um presidencialismo freiado:

“Pelo presidencialismo, mas com outros freios, e outro sistema de defesa, que impossibilitem a ditadura em que no Brasil se transformara”.

Story e Bryce, dois grandes intérpretes do regime Constitucional norte-americano se orientam nesse sentido, este último salientando que “os eleitores presidenciais tornaram-se simples zero e de fato presidente é eleito pelo povo em geral”.

Mas nem o presidencialismo ou o parlamentarismo contém pilulas milagrosas de otimismo, pois a falência de ambos, quando ocorre, deve-se a graves problemas de estrutura. Sem Estado social e econômico de direito, sem justiça social, sem igualização de desigualdades, sem nivelção crescente das distinções de classe, sem autoridade e livre iniciativa, sem consciência ética, o país nunca atingirá o termo da presente crise política, moral e econômica.

Goethe dividiu a história da civilização em seqüência de épocas: época de crença e de descrença. Vivemos uma época de descrença e falta de credibilidade, mas só são construtivos os períodos históricos de fé e de crença.

O presidencialismo brasileiro, da 1ª República (1889 - 1938) foi de hipertrofia do presidente da República, sem freios, pelo Congresso tutelado, sem justiça eleitoral, com fábricas e usinas de votos ou mandatos a bico de pena, dominadas pelas oligarquias estaduais. É um presidencialismo em que a lei altera com semi-legalidade e a ditadura. O Estado liberal e os golpes de Estado, a liberdade imolada no sucesso do autoritarismo, com o domínio do estado de sítio e a intervenção federal, insurreição armadas, violação constantes da ordem Constitucional.

O presidencialismo oligárquico da 1ª República baseada na política dos governadores, a República dos coronéis da terra do legado de 90% de analfabetos, do cangaceiro e do punhal do jagunço, foi substituída por um presidencialismo personalista e

populista, irresponsabilidade política dos ministros, excesso de tecnocratismo, ausência de freios, isolamento do Congresso e completo desprezo da opinião pública pela ausência de partidos políticos nacionais e transitórios. De resto sempre pontilhado por longos períodos de repressão antiparlamentar, desfavorecendo a emergência de lideranças políticas.

Mas nunca houve no país um autêntico e genuíno presidencialismo, que permitisse a sua correta avaliação crítica.

Quanto ao parlamentarismo, que também não teve sucesso no país optando parlamentarismo clássico inglês, surgiu a República parlamentar, primeiramente com a França, que hoje adota um novo parlamentarismo de natureza semi-presidencial com a sua constituição de 1958.

Há diversas formas de parlamentarismo, ora com a eleição direta do presidente da República (Alemanha de 1919 e França sob o regime da Constituição de 1958), ora a eleição indireta, como na Itália, Índia e outros países.

— Pinto Ferreira é prof. de Direito Constitucional da Faculdade de Direito do Recife.

consumo, constituem-se em um dos principais objetivos da pesquisa arqueológica moderna.

Os grupos de agricultores pré-históricos, notadamente os de tradição Tupi-guarani, tinham na mandioca praticamente o seu produto básico. Ou seja, cultivavam outras plantas, praticavam a coleta, a pesca e a caça, entretanto o cultivo de maior porte recaía na mandioca. Esta era consumida de variadas formas, o mingau, o beiju, a farinha, alguns tipos de bolo, diversas bebidas etc. A cerâmica voltada para o consumo da mandioca reflete, através de suas formas e tecnologia específica, a sua função no contexto social destes grupos. O avanço nas técnicas de estudo da cerâmica arqueológica tem revelado importantes aspectos que contribuirão para uma melhor compreensão destes grupos pré-históricos. Recentemente o Laboratório de Arqueologia do Mestrado em História da UFPE desenvolveu uma nova técnica para análise de cerâmica arqueológica baseada na radiologia. Os estudos de laboratório da cerâmica arqueológica, com a inclusão desta nova técnica, tem revelado não apenas aspectos importantes quanto a técnica de manufatura da cerâmica mas sobretudo impressões de unhas das ceramistas que confeccionaram os vasilhames. Esta informação é de suma importância, pois possibilitará através da elaboração de uma tipologia unglular resgatar elementos intrinsecamente ligados à organização do trabalho dos ceramistas e que necessaria-

mente incluem-se em um quadro mais amplo da organização do trabalho do grupo. Esta pesquisa desenvolvida com o apoio do CNPq poderá vir a abrir novos horizontes para o conhecimento dos grupos de agricultores pré-históricos brasileiros.

O cultivo e a tecnologia de preparação da mandioca nos dias atuais reflete uma herança direta dos grupos pré-históricos. Praticamente todas as formas de consumo atual da mandioca foram conhecidas pelos grupos de mandioqueiros pré-históricos. A tecnologia utilizada nos dias de hoje para o preparo da mandioca possui a mesma essência que a anteriormente desenvolvida. Isto reflete-se na distinção entre a mandioca doce ou de mesa e a amarga, no processo de ralagem e prensagem, na pubagem, na eliminação do ácido cianídrico e nos demais passos utilizados para o seu preparo. Nota-se, entretanto, algumas utilizações diferenciadas fruto de tradições regionais específicas. A folhagem da mandioca no Nordeste é utilizada, com algumas restrições, para o consumo animal, ao passo que a mesma na região Norte é transformada na maniçoba, prato muito apreciado naquela região. O caldo resultante da prensagem é no Nordeste completamente desperdiçado ao contrário

Mandioca e agricultura pré-história

Marcos Albuquerque

O cultivo da mandioca foi praticado em período anterior à descoberta do Brasil. O relato de cronistas e viajantes dos primeiros séculos da colonização portuguesa atestam a larga disseminação desta euforbiácea entre os nativos brasileiros. O conhecimento da mandioca, pelos indígenas brasileiros, antecede o contato europeu localizando-se em época anterior a era cristã. As pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil constataram a utilização da mandioca por grupos de agricultores pré-históricos que habitaram a região. O resultado destas pesquisas não restringe-se apenas a constatação espaço-temporal do cultivo da mandioca, mas sobretudo procura entender a sua participação nas sociedades que a cultivaram. Inúmeras das informações resgatadas arqueologicamente representam subsídios importantes não apenas para a arqueologia, como ainda para outras áreas como a botânica, agronomia, nutrição, dentre outras. O estudo da divisão social do trabalho voltada para o cultivo da mandioca e a preparação de seus produtos, aliado à produção da cerâmica associada ao seu

da região Norte que o transforma no conhecido tucupi. A despeito, entretanto, destas diferenças regionais a tecnologia da mandioca é basicamente a mesma.

O estudo mais aprofundado deste vegetal, incluindo novas formas de consumo, deveria constituir-se em meta governamental visto a sua importância sobretudo na subsistência de populações carentes. Alguns órgãos de pesquisa vêm se dedicando ao seu estudo, entretanto as dificuldades de recursos financeiros limitam os seus resultados, inclusive no desenvolvimento de novos cultivares.

A região Nordeste, sobretudo em sua porção semi-árida, viria a se beneficiar com o cultivo mais racional da mandioca visto apresentar condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Lamentavelmente o direcionamento agrícola, para a região, encontra-se voltado para soluções onerosas, de comprometimento futuro, marginalizando-se culturas perfeitamente adaptadas às condições regionais.

— Marcos Albuquerque, 43, é professor e arqueólogo da UFPE.



COSMIC ENGLISH COURSE

O COSMICO É MUITO MAIS

GENÁSIO PIRES, 277 BUA
TAL : 231-1214

A propósito da reforma

Sérgio Alves

Neste momento observa-se no país um raro momento de comunhão povo-governo. Verifica-se a energia popular mobilizada e direcionada para uma causa de todos. A sociedade surpreende com o seu engajamento solidário, que extrapola as expectativas pela intensidade do seu envolvimento em favor da reforma monetária para estabilização econômica.

Essa decisão política, que se revestiu de um excepcional senso de oportunidade para a sua deflagração, lastreou-se em uma formulação técnica a um só tempo heterodoxa, em sua abordagem abrangente e criativa dos problemas estruturais de nossa economia, e dotada de rigorosa consistência lógica na demarcação e controle das principais variáveis associadas ao processo inflacionário brasileiro.

O presidente Sarney surge como estadista. Tal com Tancredo Neves, alcança o consenso da nação. Mas, diferente deste, que encarnava, a nível pessoal, o anseio de mudança do povo, o atual presidente conquista o seu apoio com uma ação do governo há muito desejada. Para tanto, aguardou a formação de sua equipe ministerial para contar com o respaldo institucional trazido pela larga visão política de Marco Maciel, com o competente assessoramento técnico do discreto João Sayad e com sensibilidade e o pragmatismo de Dilson Funaro.



Com essa ampla e profunda reforma - que não se esgota em si mesma -, redime-se o governo, que por tanto tempo esteve dissociado das aspirações populares; ressurgem o prestígio dos técnicos governamentais, que em passado recente eram, indistintamente, acusados da prática do tecnocratismo; revitaliza-se a auto-confiança do povo, como único e insubstituível meio democrático de inspirar e viabilizar, operacionalmente, as grandes decisões e programas; alerta-se os membros de um Congresso de mordomias e de jetons para faltosos, para um novo momento que exige do político o debate altivo das questões nacionais; reintegra-se ao povo, os militares, atingidos e apoiando as medidas governamentais, ao lado da população; e questiona-se os empresários, no que tange às suas responsabilidades sociais. Quanto aos administradores, públicos e privados, estes devem submeter, cada vez mais, as suas técnicas gerenciais e os seus procedimentos administrativos à nova realidade brasileira suscitada: seja quanto as relações sindicais-trabalhistas, seja na área do marketing e da produção. O êxito do desempenho das organizações está hoje, mais do que ontem, assentado na eficiente composição e utilização dos recursos disponíveis e na correta avaliação das contingências ambientais.

No campo internacional, o êxito das reformas por certo afetará as nossas relações a nível do terceiro mundo, especialmente na América Latina, com fortes implicações na nossa política externa. Soberania Nacional poderá deixar de ser mais retórica e passar a ser uma conduta permanente e indiscutível nas negociações que digam respeito ao interesse do país, como a dívida externa.

O repúdio à desordem econômico-financeira e a repulsa ao autoritarismo e ao personalismo na política brasileira completam o cenário para a eleição deste ano para governador e Constituinte. A Assembléia Constituinte eleita terá a tarefa maior de repensar e de ordenar a sociedade brasileira.

Essa fase de rutura com um passado adverso e de transição para um Brasil que justifique as nossas esperanças, exige a conjugação de firmeza e tolerância, de confiança e realismo.

Em uma sociedade como a nossa, é ainda instável a resultante política de centro-esquerda junto a um sistema econômico híbrido, onde convivem ranços do capitalismo clássico e traços socializantes, a caminho de um neo-capitalismo verde-e-amarelo ou de um socialismo caboclo.

O certo, porém, é que o nosso país não mais voltará a ser o que era. Dê certo ou não, a reforma monetária para estabilização econômica já mudou o Brasil. Mas a duração e o sentido dessa mudança só se cristalizará com a nova Constituição.

Sérgio Alves, 35, é profº do deptº de Ciências Administrativas da UFPE.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico – Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Mandioca e agricultura pré-histórica. **Agreste**, Recife, n. 9, p. 27-28, 1986.